



A Casa do Tempo foi visitada em 2021 por quase 2500 pessoas

Um Museu do Território onde a comunidade é protagonista

O Corvo foi durante anos a única ilha dos Açores sem museu. Agora, tem um museu que ocupa a ilha toda, num projeto onde a própria comunidade é protagonista. Mas afinal, o que é o Ecomuseu do Corvo?

RUI JORGE CABRAL
rcabral@acorianooriental.pt

O Ecomuseu do Corvo é um Museu do Território, que engloba todos os cerca de 17 quilómetros quadrados de área da ilha e onde a comunidade é a protagonista. O Ecomuseu pretende assumir-se como um centro vivo de conservação da Memória, da História e da Identidade Cultural da Ilha do Corvo e dos seus habitantes.

No ano passado, a sua principal estrutura física, a Casa do Tempo, foi visitada por quase 2500 pessoas.

Colmatando uma lacuna de anos, que fazia do Corvo a única ilha açoriana sem museu, este original museu comunitá-



O Caldeirão do Corvo é a maior atração turística da ilha



rio começou a ser implementado no terreno em 2015, num projeto que é acarinhado pela comunidade e, conforme o define a sua atual diretora, Deolinda Estêvão, é um museu de “todos” os corvinos.

Em entrevista ao Açoriano Oriental, a diretora do Ecomuseu do Corvo, Deolinda Estêvão, afirma que no Ecomuseu do Corvo “não se trata de preservar o Património de forma inerte, mas sim mobilizá-lo para o progresso e desenvolvimento sustentável da comunidade”.

Para Deolinda Estêvão, “fatores como a especificidade do território insular do Corvo, o caráter resiliente das suas gentes, a História da comunidade e todos os valores patrimoniais que encerra, tangíveis e intangíveis, levaram a que fosse concebido um Museu de Território, um Ecomuseu, onde os conteúdos museológicos consistem na própria ilha, na comunidade que a habita e no património de que é detentora e do qual se deve ter uma visão holística, pois ele não é só cultural, é tam-

No Ecomuseu do Corvo, os conteúdos museológicos consistem na própria ilha, na comunidade que a habita e no património de que é detentora

bém natural e humano, é material e imaterial”.

O Ecomuseu do Corvo é um projeto que tem contado, desde o seu início, com uma grande colaboração da comunidade, salientando Deolinda Estêvão que “na implementação das atividades que desenvolvemos, a comunidade é a nossa maior aliada, pois esta é a detentora do saber, das histórias, das tradições, dos objetos que caíram em desuso e que queremos resgatar”. A diretora do Ecomuseu do Corvo diz mesmo que “é habitual afirmarmos que o Ecomuseu é de todos nós”.

Atendendo ao contexto da ilha do Corvo e sem descurar a preservação da identidade comunitária e das tradições ancestrais, o Ecomuseu pretende também percorrer os caminhos da modernidade “assentes numa progressiva afirmação cultural da ilha do Corvo nas di-

RICHARD KALOCSAI



DIREITOS RESERVADOS



Deolinda Estêvão é a diretora do Ecomuseu do Corvo



Exposição "Açores, Silêncio e Ser" no Pavilhão Multiusos do Corvo

versas vertentes artísticas e culturais. Tudo isto inserido num esforço de progresso económico e social, no âmbito do qual a cultura tem um papel relevante e insubstituível”, afirma Deolinda Estêvão.

A história do que hoje é o Ecomuseu do Corvo é, tal como a ilha, um caso particular no contexto dos Açores.

A implementação de um projeto museológico na mais pequena ilha dos Açores estava prevista desde 1977 e durante a primeira década deste século, o Corvo era mesmo a única ilha dos Açores sem museu, até que em 2013 foi tomada a decisão de concretizar um projeto museológico por via da aprovação da Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 11/2013/A, de 14 de junho.

Esta Resolução recomendava ao Governo Regional que promovesse “a realização de um estudo que concebesse um projeto museológico adequado às características históricas, culturais e patrimoniais da ilha do Corvo”.

No entanto, só em 2015 o Ecomuseu do Corvo foi implementado, através da instalação do Gabinete de Apoio Técnico e da afetação de recursos humanos a este projeto e só em 2020, o Ecomuseu do Corvo integrou os Serviços Externos da Direção Regional de Cultura.

Mesmo sendo um Museu do Território, o Ecomuseu do Corvo não deixa de ter, como na generalidade dos Ecomuseus portugueses, algumas estruturas físicas “que intermedeiam informação entre o território e o visitante”, afirma Deolinda Estêvão.

Estas estruturas físicas auxiliam na exploração do Ecomuseu e no contacto com a comunidade, sendo uma delas a Casa do Tempo que, por assim dizer, é a estrutura física visitável do Ecomuseu do Corvo, inaugurada a 13 de novembro de 2019.

A Casa do Tempo funciona com o primeiro espaço a visitar para quem quer conhecer a História e as tradições da ilha do Corvo, estando instalada numa

casa do núcleo antigo da Vila do Corvo, dos séculos XVII/XVIII, que foi reabilitada, preservando-se a traça original.

Conforme explica Deolinda Estêvão, “este espaço funciona como uma antecâmara do território, onde o visitante tem acesso a diferentes conteúdos. Pretende-se que, a partir da informação ali disponível, o visitante construa o seu próprio

A implementação de um projeto museológico no Corvo estava prevista desde 1977

itinerário, à luz dos seus interesses e motivação e incitando-o à exploração do território. Os visitantes têm, também, a opção de o fazer através do circuito interpretativo da Vila do Corvo”.

Outra estrutura física visitável do Ecomuseu é o Pavilhão Multiusos do Corvo, cuja cedência ocorreu em 2021. Este

edifício permitiu ao Ecomuseu alargar a sua missão, projetando o seu trabalho para a modernidade através da realização de exposições, da projeção de cinema, da encenação de teatro, bem como ainda de palestras, congressos, seminários, colóquios, eventos musicais, dança e outros eventos socioculturais, “permitindo uma nova dinâmica cultural na ilha”, afirma a diretora do Ecomuseu do Corvo.

A terceira estrutura física é o Gabinete de Apoio Técnico ao Ecomuseu que, conforme explica Deolinda Estêvão, “foi a primeira estrutura física do Ecomuseu do Corvo, foi aqui que os primeiros técnicos se instalaram e iniciaram o trabalho para a implementação do projeto museológico no Corvo. É aqui que, atualmente, os técnicos continuam a realizar todo o trabalho de planificação, investigação e de atendimento à comunidade. Apesar de não ser uma estrutura visitável, quem nos procura poderá aqui recolher informação adi-

cional sobre o Ecomuseu do Corvo”.

Apesar do Ecomuseu não ter sido criado para ser, ele próprio, enquanto instituição, uma atração turística, o Ecomuseu do Corvo não deixa de ser um chamariz para os visitantes, através do seu conceito de Museu do Território.

“Também desenvolvemos o nosso trabalho com turistas e temos tido cada vez mais visitas nas nossas estruturas físicas. A título de exemplo, a Casa do Tempo foi visitada, em 2021, por quase 2500 pessoas, o que demonstra que somos cada vez mais procurados”, afirma Deolinda Estêvão.

Quanto ao futuro, o Ecomuseu do Corvo pretende dar continuidade ao processo de resgate do rico património ainda existente na ilha, uma vez que este é “um espólio que será, um dia, integrado na narrativa da Casa da Memória e da Casa dos Teares, sendo que a aquisição dos imóveis nos quais terão lugar estas ‘Casas’ foi concretizada em 2021”, conclui a diretora do Ecomuseu do Corvo. ♦